

FREI GALVÃO: O SANTO BRASILEIRO NA ACADEMIA DOS FELIZES

BROTHER GALVÃO: A BRAZILIAN SAINT IN ACADEMIA DOS FELIZES

Mirtes Rocha RODRIGUES¹

Enio Aloisio FONDA²

Cláudia Valéria Penavel BINATO³

RESUMO: O Instituto de Pesquisa *do Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium* tem como objetivo coletar, organizar, catalogar, inventariar e arquivar toda produção poética em língua latina de brasileiros e de estrangeiros que fizeram do Brasil sua pátria por adoção. Frei Antonio de Sant'Ana Galvão é um dos autores dessa produção poética e um dos felizes da Academia Literária Paulista do século XVIII. Nossa comunicação pretende levar os participantes, com a divulgação dos textos do acadêmico, a avaliar e repensar científica e criticamente a nossa Cultura Brasileira em sua evolução e em sua trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Latinidade Brasileira; Academia dos Felizes; Cultura Brasileira

ABSTRACT: The *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium* Research Institute has the objective of collecting, organizing, cataloging, inventorying and filing the literary production in Latin of both Brazilian and foreigners that had chosen Brazil as their homeland. Frei Antonio de Sant'Ana Galvão is one of the authors of this poetic production and one of the *felizes* of the eighteenth century Paulista Literary Academy. Our presentation intends to lead the researchers to evaluating and critically rethinking our Brazilian Culture in its evolution and trajectory, by divulging the texts of the academist.

KEYWORDS: Brazilian Latinity; Academy of Felizes; Brazilian Culture.

Com o intuito de proporcionar a seu povo maneiras e usos de refinamento europeu do mais alto nível, o Capitão-General e Governador da Capitania de São Paulo do Brasil Colônia, D. Luís Antonio de Sousa Botelho e Mourão⁴, que se distinguia pela devoção a Sant'Ana, fundaram, a 25 de agosto de 1770 na nave da Igreja do Colégio dos Jesuítas a primeira academia literária em terra paulistana⁵.

A exemplo das reuniões em grêmios que então proliferavam por toda a Europa, D. Luís, chamado o Morgado de Mateus, organizou um programa de dez dias de festejos, compreendendo luminárias, fogos de artifício, desfile de carros alegóricos, de máscaras, bailes, missas solenes, Te Deum, concertos musicais, encenações teatrais, procissões, cavalhadas, corridas de touro... E isso não foi tudo que o Morgado programou. Pensando em elevar o seu

¹ Professora da UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: linguistica@assis.unesp.br.

² Professor da UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: linguistica@assis.unesp.br.

³ Professora da UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: linguistica@assis.unesp.br.

⁴ Escolhido para restaurar a Capitania de São Paulo, suprimida em 1748, D. Luís Antônio era tido como brilhante oficial, dedicado a estudos de engenharia militar, estratégia e história militar.

⁵ Essa sociedade literária tinha por título *Academia dos Felizes*, nome expressivo que parecia mostrar ser os acadêmicos "felizes" porque se dedicavam ao cultivo do espírito; e crescendo em sabedoria, acreditavam crescer, também em felicidade.

domínio a um grau de nível Lisboa, Roma ou Paris ele exigiu a participação dos literatos nessas manifestações culturais.

Numerosos clérigos tomaram parte nessa atividade: Beneditinos, franciscanos, carmelitas, sacerdotes seculares e ainda diversos advogados, professores régios e outros leigos cultivadores das coisas do espírito.

Essa atividade acadêmica, sessões que duravam horas e tinham por fim celebrar datas religiosas ou engrandecer os feitos de autoridades coloniais, contou com 136 trabalhos: sonetos, epigramas, décimas, odes, écoglas, canções, textos esses que foram lidos em português, em latim, em espanhol, em francês, em italiano e em "língua de caboclo", isto é, em tupi.

Entre os poetas latinos para esse momento inicial e grandioso figura Pe. Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, religioso franciscano, natural de Guaratinguetá⁶, o 1º santo brasileiro cuja canonização foi proclamada em solene celebração eucarística, a 11 de maio de 2007, pelo Papa Bento XVI⁷.

Santo Antônio de Sant'Ana Galvão que se depender dos devotos continuará sendo chamado simplesmente Frei Galvão participou da sessão inaugural com 16 composições, todas em latim dedicadas ao Morgado ou a Sant'Ana, padroeira do seu nome em religião e Santa da devoção de D. Luís Antonio que governara a Capitania de São Paulo nos anos de 1765 a 1775.

O programa para o grandioso momento de vida literária zelosamente cumprido prolongou-se por sete horas durante as quais se aplaudiram os trabalhos do Frei Galvão que não escapou ao caráter de praxe da época: também ele exagerou naquele mecanismo de artificialidade em que, sob pretexto de cultivar uma Santa, elogiou com santa ingenuidade a um poderoso. Na verdade, os acadêmicos de 1770 fizeram justiça ao Governador da Capitania que com uma administração habilidosa e profícua desbravou e povoou o Tibagi, rio que segundo lhe constava corria sobre verdadeiro tapete de ouro.

O cronista Péricles da Silva Pinheiro, em *Manifestações Literárias em São Paulo na Época Colonial*, 1961, escreve, referindo-se a academias de São Paulo:

Em seu último quartel, o século XVIII em São Paulo registra ainda dois momentos de vida literária, o primeiro sob o governo do capitão-general D. Luís Antônio de Souza, em 1770, e, o segundo, sob o governo do capitão-general Bernardo José de Lorena em 1791. São as duas únicas academias de que se tem notícia em terras paulistas e sob a aparência de comemoração de

⁶ Guaratinguetá conserva com orgulho a memória de Frei Galvão; a igreja onde rezou sua primeira missa e a Catedral de Santo Antonio, além dos locais de sua infância e de sua vida de seminarista, refletem bem a presença do santo.

⁷ Primeiro brasileiro nato a merecer a honra dos altares católicos, Frei Galvão, sacerdote da Ordem dos Frades Menores Descalços, fora beatificado pelo Papa João Paulo II, em 25 de outubro de 1998, em Roma.

episódios religioso e natalício, numa e outra, respectivamente, mal escondem o propósito de bajular o delegado real na capitania...

A preservação da herança cultural desse grandioso momento, dessa magna sessão se deve a vários fatores que, de uma forma ou outra, favoreceram a fortuna de muitos acadêmicos (árcades). Papel relevante desempenhou, na conservação dessa literatura, o patriotismo local, o orgulho que a cidade ou país sentiam pelo seu benfeitor, pelo poeta ou escritor que havia glorificado a sua pátria. Assim, não há que atribuir à casualidade a existência de uma cópia das composições latinas do santo brasileiro Frei Galvão, fundador do Mosteiro da Luz de São Paulo. É ao Capitão-General que pedira a um de seus amanuenses, perito e hábil calígrafo, é à devoção à Sant'Ana que conferimos a salvação da poesia de Frei Galvão. E a propósito disso convém dizer que toda essa literatura copiada chegou até nós (graças ao desvelo do Capitão-General) num magnífico códice de bela encadernação, integrando hoje o acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

O códice de número 39 tem o título:

Relação das festas públicas, que na cidade de São Paulo fez o Ilmo e Exmo. Senhor Governador, e Capitão-General D. Luís Antônio d'Souza em louvor da Senhora S Anna com a ocasião de collocar, a sua Imagem em O altar novo da Igreja do Collegio. Anno d'1770⁸.

Referências a esse códice encontramos em obras e jornais, dentre as quais citamos, Artur Mota, em sua *História da Literatura Brasileira. Época da Transformação Século XVIII*, São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1930, -, 29-31 e Helle Alves, em sucessivos artigos do *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, em 1960 e 1961, descreve e comenta este códice e seus autores.

Com o intuito de avaliarmos e repensarmos científica e criticamente a nossa Cultura Brasileira do século XVIII, o que pressupõe recolher e divulgar os textos significativos de sua evolução e trajetória, apresentamos neste momento, uma ode em que se celebram as virtudes militares do Governador e um epigrama em louvor à Sant'Ana:

Ode. *Illustrissimi, Escellentissimi Domini militares celebrantur*

*Tumultuantes hórrida fulminat
Gentes per orbem praelia⁹, concitat
Et fama rectores plagarum,
Terrificat simul Astra clamor.*

⁸ Adquirido por João Fernando de Almeida Prado para a sua *Brasiliiana* parece ser a única cópia do códice até hoje conhecida.

⁹ *proelia*

*Mox proelior providus agmina
Exercet, omnes ut violentior
Deturbet exurgens¹⁰ in hostes
Dux Loduix¹¹ Pater ipse pacis*

*Docet phalanges militiam rudes
Discriminates quadrupedantium
Paratque turmas in plateis,
Atque Duces celebrae pugnam.*

*Adire gentes per loca subdita
Curat scientes, ut Domini colant
Inculta, qui tendant per areta
Et superent tribulos viarum.*

*Scrutantur omnes hi penetralia.
Telluris, et mira inveniunt nova
Trahuntque felices metalla
Flava tua veneranda in urbe.*

*Parantur arces rite potentibus
Armis in hostes, in nova praelia¹²
Fortasse nobis profutura,
Ne súbito venant¹³ in urbem.*

*Augere curans imperium sui
Regis coronae, cuyus amabilis
Petit labores in sudore
Et gemuit, gemit atque praesens.*

*O nostra felix pro Duce Principe
Urbs imperanti! Nunc generosior
Impelle clangores tubarum
Ad méritos Loduix¹⁴ honores.*

Povos tumultuantes travam, por toda terra, hórridos combates
E a fama concita os condutores de bandos, ao mesmo tempo que
O clamor terrifica os astros
Sem demora o pródigo combatente põe seus regimentos a treinar para que mais violento, o
Chefe Luís, verdadeiro Pai da paz, levantando-se contra os inimigos, os derrube a todos.

¹⁰ exurgens

¹¹ Emprega a forma *Loduix* por exigência métrica, quando o nome próprio “Luís” corresponde em latim, a *Ludovicus* ou *Aloisius*.

¹² *proelia*

¹³ *veniant*

¹⁴ A lógica exigiria *Ludovici* (genitivo), a não ser que o imperativo *impelle* se refira ao Morgado (Luís) e não a *urbs*; pouco provável. Para o nome próprio *Loduix* cf. nota 8.

Ensina a milícia às rudes falanges discriminadas da cavalaria e prepara os esquadrões nas praças e seus chefes para travar a batalha.

Cuida em levar aos lugares submetidos gente civilizada,
Para que colonizem as terras incultas do seu Senhor;
Que marchem por vias estreitas e superem os cardos dos caminhos.

Todos estes perscrutam os lugares mais retirados daquelas
Terras e descobrem admiráveis novidades; e felizes,
Extraem o flavo metal na tua veneranda cidade.

Preparam-se convenientemente baluartes com armas
Poderosas contra os inimigos, para novos combates que
Talvez se nos ofereçam, a fim de não irromperem
Inesperadamente na cidade.

Procurando ampliar o império da coroa de seu Rei, e, que
Por amá-la, busca trabalhos a transudar, gemeu
Outrora e ainda geme presentemente.

Ó nossa feliz cidade, graças ao Príncipe que impera
como guia! Agora, mais generosa arroja os clangores
das tubas para as merecidas honras de Luís!

Poema em honra de Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão a quem também chama de
próvido lutador *proelior providus*, o chefe Luís, verdadeiro Pai da paz *Dux Loduix Pater ipse
pacis*.

Com seu lirismo, Frei Galvão inicia uma espécie de campanha de exaltação da cavalaria,
do exército com sentido patriótico, em harmonia com suas convicções religiosas. Ele roga ao
Chefe que se levante contra os inimigos e prepare seu exército para travar a batalha.

O metro desta ode é aquele empregado por Horácio na Ode I, 9 *Ad Tha liarchum (Vidus
ut alta stet nive candidum...)* estrofe alcaica.

Do mesmo modo que Horácio aconselha a Taliarco o fogo e o vinho para amenizar o frio
do inverno, o poema de Frei Galvão trata de aconselhar o Governador da capitania de São
Paulo a preparar seu exército para lutar contra seus inimigos não se esquecendo de dar à sua
poesia aquele tom laudatório, que era praxe da época.

Epigramma. *Beatissima Anima ara in nova collocata celebratur*

*Virginis Alma Parens populo clamatur, amator
Huyus sacra domus limina vadit, adit.
His tecum laribus Felix volo vivere vere,*

*Nunquam noster amor corde recedet, edet.
Est tibi nunc plausus praesentis temporis horis
Virginis Anna Parens qui modo clamat, amat.*

A venerável Mãe da Virgem é aclamada e amada pelo Povo que procura e visita os sagrados umbrais desta casa. Por isso quero viver feliz de tudo neste lugar. Jamais o Nosso amor morrerá e desaparecerá em nosso coração. Estás recebendo agora, ó Ana, Mãe da Virgem, o aplauso Das horas deste ato, que traduz amor e aclamação.

É uma prece de caráter místico (religioso, piedoso) em que o poeta se dirige a Sant'Anna, santa de sua especial devoção, a quem saúda com beatíssima, isto é, bem-aventurada.

Ele confessa que quer viver verdadeiramente feliz *Felix volo vivere vere*, naquele lar, (Planalto de Piratininga, marco histórico do centro de São Paulo, local de sua fundação) e promete que o seu amor e de todo povo jamais desaparecerá do coração *Nunquam noster amor corde recedet, edet*.

Esse epigrama como os outros (12 ao todo) estão vazados no dístico elegíaco, ou seja, um verso hexâmetro seguido de um verso pentâmetro.

Na Grécia antiga, houve tempos considerados heróicos, principalmente a época da Guerra de Tróia (1200 a.C). Surgiram poetas inspirados que cantavam os feitos dos heróis. Para facilitar a memorização, criaram uma métrica específica. Como na língua grega as palavras se cadenciam por longas e breves, pode-se formar ritmos baseados em diversos tipos de pés. O ritmo escolhido para formar os versos heróicos ou épicos foi o hexâmetro, composto por dátilos e espondeus. Pela prevalência dos dátilos, formados por uma longa e duas breves, é denominado datílico o verso. Encontram-se raros versos em que predominam os espondeus e os versos chamam-se, então, espondaicos.

O hexâmetro conta de seis versos datílicos que tornam o canto leve e fluente – sirva de exemplo o primeiro verso de *A Odisseia*: *Āndrā moĩ ēnnēpē Mūsā pōl trāpōn ōs mālā pōlla*. . Isso, porém, é raríssimo, o que é comum é virem datílicos misturados aos espondaicos. Normalmente, qualquer um dos primeiros quatro datílicos pode ser substituído por um espondeu; o quinto, porém, é quase sempre só datílico. O sexto perde uma sílaba e se torna troqueu – uma longa e outra breve, mas pode também ser espondeu. Dividir o verso em seus pés, conforme o ritmo, é escandir.

Os poetas criavam os hinos e eles mesmos ou os *aedos* (cantores) os cantavam ao som da lira, em peregrinações pelas aldeias ou nas festas pan-helênicas: olimpíadas, nemeanas, délficas, ístmicas e em outras festas particulares. Havia, além disso, rapsodos que nas festas religiosas havendo abandonado a lira e tendo na mão um bastão (batuta) não cantavam, mas recitavam em tom elevado. *Essi sono maestri della memoria, legati a um texto determinato*,

*Che Nei tempi più antichi pensiamo fosse possesso prezioso di singole famiglie e gilde*¹⁵. (Lesky, A., p.43).

Os hinos que cantavam os heróis da Guerra de Tróia foram reunidos e adaptados, a seu modo, pelo célebre poeta Homero (discute-se sua existência e a criação desses cantos por um só poeta) e são denominados *A Ilíada* e *A Odisseia*. São duas obras constantes de vinte e quatro cantos elaborados em versos hexâmetros. Entre os gregos são as duas maiores obras em hexâmetros.

Entre os romanos, o primeiro a criar uma obra épica foi Ênio, não-romano, mas estimado pelos romanos como pai (Ennius Pater).

Considerado como o maior poeta épico romano foi Virgílio com sua *Eneida*. Além dessa, escreveu *Geórgicas* e *Bucólicas*, recorrendo somente ao hexâmetro.

Outro poeta latino que empregou o hexâmetro para suas *Metamorfoses* e os *Fastos* foi Ovídio. Para as outras obras amatórias, ele serviu-se de dísticos elegíacos.

Posteriormente aos hexâmetros, os poetas gregos fizeram uso dos dísticos elegíacos, intermediação entre os versos heróicos e os versos líricos.

Os antigos ligavam a palavra elegia a *êlegos* (canto fúnebre) e derivavam o vocábulo de *êêlegein*. A origem da palavra é incerta. Não se trata de palavra grega; talvez seja de origem frigia (BONA, Giacomo, p.73). Referindo-se ao dístico elegíaco, Horácio afirmou ser esta uma questão não resolvida, estava ainda *sub iudice* : "...adhuc sub iudice lis est." (Hor., Ars poética, 78)

O dístico (*dyo stichoi* = dois versos) elegíaco, como o vocábulo diz, são dois versos denominados elegíacos. O primeiro é um hexâmetro e o segundo, um pentâmetro ou, poder-se-ia dizer, um hexâmetro manco, composto de dois pés e meio no final do primeiro e do segundo hemistíquio (meio verso).

Contudo, a princípio a elegia não era usada originariamente para cantos fúnebres, mas se prestava para expressar vários outros sentimentos. Em dísticos elegíacos cantavam-se os heróis, o amor, os deuses, outros.

Entre os gregos escreveram em dísticos elegíacos Tirteu (cantos guerreiros), Sólon (leis, discursos públicos, exortações), Calinos (cantos guerreiros), Calímaco.

Entre os romanos, o poeta que mais recorreu aos dísticos elegíacos para escrever livros sobre os amores foi o poeta Ovídio. Além dele mencionam-se Catulo, Tibulo e Propércio.

Os versos latinos de Frei Galvão podem não revelar tanta poesia; ele, porém, mostra-se ótimo latinista, escreve em latim clássico com grande correção e exata metrficação, revelando

¹⁵ "São mestres em recitar de memória, ligados a um tema determinado (ciclo mítico) que, nos tempos mais antigos, pensamos, fosse um bem precioso de distintas famílias ou corporações"

grande inspiração repassada de sentimento religioso e patriótico. Somente uma análise mais detalhada poderá nos dizer até que ponto sua poesia apresenta originalidade e individualidade.

Nossa intenção é, num segundo momento, tentar um estudo a parte de toda a produção poética de Frei Galvão, que com isso, vai se efetivando o acalentado sonho do professor Fonda e do seu *Archivum* de evitar a dispersão de documentos básicos de nossa cultura. Desse modo, estaremos divulgando subsídios indispensáveis para uma avaliação, uma remediação crítica da nossa cultura brasileira, no século XVIII.

Referências:

- BONA, Giacomo. *I Greci e La Lirica Antologica*.. Societa Editrice Internazionale, Torino, 1992;
- FERREIRA, Tito Lívio. *História de São Paulo*. São Paulo. Gráfica Biblos Ltda. Editora. s/d;
- FONDA, Enio Aloisio. *Academia dos Felizes (1770) e a poesia latina de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, religioso franciscano*. IN: Revista de Estudos Brasileiros, nº 13. São Paulo. 1972;
- LESKY, Albin. *Storia della letteratura greca*.V. 1 Il Saggiatore, Milano, 1986.
- TAUNAY, Afonso. *Antigos Aspectos Paulistas*. Separata do Tomo III dos Anais do Museu Paulista. São Paulo. 1927.
- _____. *Poesias Latinas inéditas de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. V. II.
- MARISTELA. *Frei Galvão, Bandeirante de Cristo*. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. 1954.